



**Universidade Federal do Amapá
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Disciplina: Filosofia da Educação II
Educador: João Nascimento Borges Filho**

Indústria Cultural e Educação

Olgária Chaim Féres Matos

Universidade de São Paulo (USP)

Indústria Cultural é a expressão cunhada por Adorno na obra *Dialética do Iluminismo* (1944) em coautoria de Horkheimer, filósofos da Escola de Frankfurt. Tal noção procede a uma crítica da cultura contemporânea, nela reconhecendo a experiência da pobreza e a pobreza de experiências morais, transmissíveis e comunicáveis do eu ao outro.

O desenvolvimento do conceito de Eu significou, a partir do século XVII, a consciência de si reflexiva, na Filosofia; o sujeito epistemológico de controle da natureza pelo conhecimento das leis que a regem, na Ciência; o indivíduo na política; a pessoa ou o ser humano na moral: "É difícil descrever com precisão", observa Horkheimer, "o que as línguas do mundo ocidental quiseram, em um dado momento, dizer ou conotar com o termo Eu. Enquanto princípio do si que se esforça em ganhar o combate contra natureza em geral, contra outras pessoas em particular e contra seus próprios impulsos, o Eu aparece vinculado à noção de dominação, de comando de organização (...). Espiritualmente tal princípio tem a qualidade de um raio de luz. Penetrando na obscuridade, atemoriza os espectros de crenças e de sentimentos que preferem esconder-se nas sombras" ("A Revolta da natureza", in *Eclipse da razão*).

Dito de outra forma, o *Iluminismo* afirmava que todos, enquanto seres vivos e de razão têm direito à felicidade. E no ensaio "Materialismo e Moral" de 1933, Horkheimer revela a perversão desse ideário, com a mutação e queda de todos os valores em *valor de troca*: "a luta em escala mundial dos grandes grupos econômicos se trava através da atrofia dos talentos humanos, do uso de mentiras políticas, interna e externamente e do desenvolvimento de ódios



extremos (...), o que resulta na redução de esforços culturais (tanto na Ciência quanto na educação), no embrutecimento da vida privada e da pública, de tal forma que, à miséria material, se junta, também, a miséria espiritual. Nunca a pobreza dos homens se viu em um contraste tão gritante com a riqueza como nos dias de hoje, nunca todas as forças (que poderiam emancipar a humanidade) estiveram tão cruelmente acorrentadas como nesta geração onde as crianças passam fome enquanto as mãos dos pais fabricam bombas (...). Percebemos os homens não como sujeitos de seus destinos, mas como objetos dos acasos cegos da natureza".

Adorno e Horkheimer reconhecem uma crise na modernidade, crise na cultura e da educação. Crise na educação é crise na vida política. Na contemporaneidade, entre a esfera moral privada e a economia não há mais reflexão política, mediação política. Nesse vazio espiritual inscreve-se a ideologia de uma ciência econômica regida por um circuito fechado de "fenômenos objetivos", os do mercado mundial, essa forma moderna do destino.

Na subordinação de todas as esferas da vida ao fator econômico, os autores mostram de que maneira a mídia constitui um poderoso redutor do pensamento autônomo. A "indústria cultural" questiona a modalidade de conhecimento na época do advento da sociedade de massa - à qual corresponde uma cultura homogênea e padronizadora: a da semi-formação. Diferenciando-se da "cultura de massa", o conceito "indústria cultural" torna manifesto o equívoco de uma cultura produzida pela massa. Ao contrário, trata-se de um conjunto de preceitos *para a massa* - o que significa: seu meio de inserção é a *passividade*. Sua aferição é a da heteronomia que produz o pensamento único, o reino da uniformidade e da unanimidade. No caminho de Nietzsche, a massa constitui-se segundo um espírito gregário acrescido, agora, de um traço especial: trata-se de indivíduos "atomizados", indivíduos encapsulados em seu próprio isolamento. Isolados também no sentido de seu desenraizamento - não de uma tradição, mas de qualquer tradição, seres gregários e atomizados, posto que destituídos de referências comuns. Na sociedade de massa tudo passa a ser tomado segundo o valor de troca. Todo indivíduo é intercambiável, dispensável. Massa e classes sociais dissociam-se, pois é característica da primeira não só a ausência de pensamento autônomo



ou de pensamento propriamente dito mas, de maneira mais essencial , ausência de interesse comum.

A cultura média midiática descaracteriza tanto a cultura dita de elite quanto aquela de resistência, produzindo uma "barbárie estilizada". A Sinfonia 40 em ritmo de chorinho, não é nem Mozart nem chorinho. Apologia da facilidade, a mídia inflaciona a mente com imagens que impedem de imaginar, de pensar, segundo o pressuposto de que a verdadeira cultura é inacessível à grande massa. Esta deve recepcionar informações de modo a não ser perturbada em seus hábitos mentais, reforçando-se, assim, seus preconceitos. A indústria cultural, veículo da semi-formação ou "cultura média", transmite uma cultura agramatical e desortográfica, decretando que aprender é fastidioso e que o esforço intelectual deve ser proscrito. Protagoniza a leitura rápida e "por saltos"–, o que pode valer para um cartaz publicitário, mas é inteiramente inadequado para textos filosóficos, literários e, de maneira geral, científicos.

O ideário da educação humanista, ao contrário, pode ser indicado por sua etimologia, aqui instrutiva. "*Educare*" significa conduzir de um lugar a outro, de um ao outro. Significa, antes de tudo, "formar o espírito" – o que se faz através de disciplinas humanistas, aquelas para as quais a questão essencial não é o que se deve ensinar, tampouco que métodos aplicar, mas, antes, que tipo de homem se pretende formar com a educação. Na educação performática só conta o "desempenho" e o "sucesso". Visa formar indivíduos segundo os valores da hierarquia competitiva das burocracias empresariais privadas ou públicas–onde cada indivíduo não tem nenhuma lealdade para com aqueles com quem rivaliza e trabalha.

Sob os auspícios da cultura midiática, competência perverte-se em competição, pesquisa em produção–ambas visando o mercado consumidor. A indústria cultural não significa que os bens do espírito são, também eles, mercadorias, mas só mercadorias. E como tal, conta não o *novo*, mas a *novidade*. A melhor maneira para diferenciá-los é referindo-se à educação cujo paradigma é o Renascimento florentino. Reinterrogar essa tradição vale a fim de recepcionar o passado, não na forma de uma herança passiva, mas em um trânsito entre o que foi um dia e o presente, de forma a colocar questões contemporâneas ao Renascimento e questões renascentistas à nossa modernidade. A modernidade renascentista praticava o diálogo com a tradição,



a partir de que reconhecia diferenciações com relação à tradição, para o advento do novo. É dessa zona intermediária onde o novo ainda se mistura com o antigo que renasce a cultura do passado como força ativa e criadora. Se o ideal da educação medieval visava a *santidade*, o Renascimento o fazia para a *cidade*. O ideal de cordialidade, afabilidade e urbanidade preparavam o homem para as virtudes cívicas em um mundo compartilhado. Adaptação significa, neste contexto, autonomia no pensamento e na ação em comum dos homens.

Indústria cultural e cultura midiática inscrevem-se na falência da educação humanista. Seu gosto da novidade arquiva a memória para se converter em fetichismo do presente. A novidade é a banalização do novo, pois este é justamente o lugar das experiências de pensamento; quanto à novidade, ela abole a perplexidade e o assombro no conhecimento e na ação. Na educação média midiática só conta a *mens momentanea*, é presente perpétuo, carente de recordações. Miséria simbólica, a temporalidade de um puro presente – uma extensão homogênea na qual não há configuração nem de um passado nem de um futuro – é a impossibilidade da própria cultura.

A concepção do tempo que corresponde à educação-formadora do homem-cidadão - e sua ênfase nas noções de Lei e de dignidade –, é a da reflexão, reflexão lenta e concentrada. Aquela que corresponde às novas mídias é a do espontaneísmo que prepara o homem a adaptar-se às leis do mercado, vale dizer, da troca incessante. A determinação de todas as esferas da vida pelo fator econômico é um poderoso redutor do pensamento. A educação tecnocrática é compacta e niveladora, integrando coisas e homens em uma articulação única. As tecnologias da educação são supostas a solucionar problemas educacionais. No entanto, a educação não poderá resolver com computadores as questões que não conseguiu resolver sem ele.

A educação média no estilo performático do bom desempenho não resulta na abolição do privilégio educacional quando destinado a poucos. Ao contrário, o semi-culto desconhece o mundo da cultura e este retorna à condição de segredo de uma elite. O que é compreendido pela metade não abre caminho para um entendimento ampliado, mas o inviabiliza, da mesma forma que uma "meia-verdade" não se converte em evidência, mas antes em falsidade.



Os valores e práticas da mídia assimilam-se à educação média midiática na qual Adorno e Horkheimer reconhecem uma nova forma de ideologia, impossibilitando pensamentos e descobertas que possam pôr em risco as certezas de um suposto Sujeito. A "isonomia" da educação média aplicada à sociedade de massa resulta na uniformização das normas de comportamento e de pensamento, em vez de garantir distintos modos de vida.

Ciência, sociedade tecnocrática e indústria da cultura constituem uma unidade. Embora mais benignas em aparência, representam uma das figuras do Totalitarismo. Ciência: substitui a multiplicidade do mundo pela unidade de comando da lei; esta passa a ser substituída pela regra e esta pela fórmula – e mais: identifica pensamento com pensamento lógico, o que se traduz, de imediato na vida política, uma vez que a modernidade é, no dizer de Adorno, volatilização da culpa, banalização do mal. Para que a tirania da lógica se estabeleça e o mundo totalitário se perpetue é preciso que o homem já se tenha desprendido de seu próprio eu, pois "a única capacidade do espírito humano que não necessita nem do eu, nem dos outros, nem do mundo para funcionar sem medo de errar, e que independe tanto da experiência quanto do pensamento, é a capacidade do raciocínio lógico, cuja premissa é aquilo que é evidente por si mesmo" (*Origens do Totalitarismo*). Sociedade tecnocrática: é a do homem tecnológico, a massa de homens supérfluos. Indústria da cultura: para uma sociedade de massa, educação de massa. Esta consiste não em insuflar convicções, mas em destruir a capacidade de formá-las.

A educação de massa é neutralização da língua tanto falada quanto escrita para um mercado mundial, uma língua unidimensional. Que se pense na tendência à padronização das línguas sob a hegemonia do inglês comercial e financeiro. O processo de neutralização das línguas faz-se pelo *cursus* pseudo-falado e pseudo-escrito das mídias-referidas a um vocabulário restrito e simplificador. Mundo totalmente administrado é concentracionário e mudo, nele a Torre de Babel não representa mais a impossibilidade de compreender o outro e seu mundo; a Babel moderna é a impossibilidade da comunicação no interior de uma mesma língua. Ela não é mais fator de comunicação e reciprocidade, não figura o sublime tampouco o horror. O predomínio da linguagem jornalística na educação exila a palavra narrativa em nome daquela instrumental e sem história.



A cultura média midiática é contra-humanista e suas palavras sem memória. A leitura, experiência nobre por excelência da educação, não separava a língua falada daquela vernacular. A língua literária é a maneira mais forte de conferir sentido ao desordenado: é ordenação de nosso mundo interno. É por um acordo sutil que as palavras pronunciadas se tornam comunicáveis e não sua neutralização semântica. É preciso escutar nas palavras seus apelos, revivendo a nostalgia que lhes é própria e que é, ao mesmo tempo, a história de suas transformações. Se não aprendemos a fazê-lo, anotou Benjamin em "A Tarefa do Tradutor", jamais poderemos respirar o seu perfume. A língua é, para a educação – formação –, uma experiência expressionista, com canto e acústica próprios, um modo de conhecer e de se fazer conhecer. A relação das línguas faladas com a vernacular nos revela ser ela a matriz de onde se irradia uma vitalidade comunicativa. A língua literária é narrativa. Livros despertam recordações, um modo peculiar de reaver experiências do passado, ativadas no presente. Ela não é o passado, mas o futuro e o presente de tal forma que na língua o luto transforma-se em lúdico. Neste sentido, pode-se retomar a crítica de Nietzsche aos estabelecimentos de ensino na Alemanha em sua atitude diante do grego e do latim. –línguas "mortas" Nietzsche, como depois dele Benjamin, diz que elas são ministradas como se fossem mortas. Continuam vivos, grego e latim, nas línguas vivas faladas hoje. Sua "forclusão" é esquecimento promovido pelo que se convencionou denominar modernidade. Ele é interdição do passado, não pertencendo, assim, à ordem do psicológico, mas do ideológico.

A educação para o mercado reforçada pelas novas tecnologias manifesta que o homem moderno é um ser pós-lingüístico que conhece o preço de todas as coisas, mas descohece seu valor. Neste sentido Nietzsche afirmava: "é preciso libertar o moderno da maldição do moderno". Da mesma forma, para a Escola de Frankfurt, toda educação só pode ser humanista e deve antes de tudo perguntar "para onde a educação deve conduzir". Ela deve desenvolver, responde Adorno em *Educação e Emancipação*, aversão pela violência e preparar para a tolerância, para a confiança, para a amizade.

O inteiramente outro do mundo administrado, com suas massas de homens isolados e supérfluos, é a reciprocidade: nela e para ela os homens



não são substituíveis tampouco intercambiáveis. Esta "reciprocidade entre insubstituíveis" é tarefa da educação.



Prof. Borges

